

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE AS IDENTIDADES FEMININAS NOS CONTOS DE FADAS “O REI SAPO OU HENRIQUE DE FERRO E “AS FADAS”

Lays Adryellen Tavares de Lima¹

RESUMO

A literatura, por sua característica plurissignificativa, permite múltiplos olhares e amplia a compreensão do leitor sobre diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Entre os diversos gêneros, os contos de fadas ocupam lugar de destaque por abordarem questões universais e transmitirem valores que atravessam gerações, em especial no que diz respeito às representações do feminino. Nesta perspectiva, a pesquisa buscou investigar de que maneiras as faces femininas são construídas em duas narrativas tradicionais: “O rei sapo ou Henrique de ferro”, dos irmãos Grimm, e “As fadas”, de Charles Perrault. O embasamento teórico concentrou-se nas contribuições de autores como Marie-Louise Von Franz (1990) e Corso e Corso (2006), que possibilitaram compreender as simbologias e os significados sociais presentes nos textos. Metodologicamente, o estudo adotou uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, fundamentada na análise literária e psicanalítica dos contos selecionados. A investigação revelou que as personagens femininas são representadas por diferentes faces, como mãe, menina/mulher e fada, cujas condutas estão geralmente relacionadas a submissão e a obediência dentro de uma lógica patriarcal. Quando não assumem essa posição, reproduzem discursos de opressão que reforçam a ideologia e os valores predominantes da época em que as narrativas foram produzidas. Além de evidenciarem aspectos culturais e históricos, os contos de fadas também exercem função educativa, ao transmitirem normas de conduta e padrões de comportamento social. Dessa forma, as análises demonstram que, ao mesmo tempo em que encantam e instruem, essas narrativas refletem as estruturas sociais de sua época e revelam, de modo simbólico, a condição feminina diante das relações de poder estabelecidas.

Palavras-chave: Contos de fadas, Identidade feminina, Psicanálise, Cultura.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas sempre exerceram forte influência na formação cultural e simbólica da sociedade. Embora muitas vezes sejam lembrados apenas como histórias destinadas ao público infantil, essas narrativas carregam significados profundos, transmitindo valores, padrões de conduta e representações sociais que atravessam gerações. Nesses enredos, a figura feminina aparece de forma recorrente, ora associada a pureza e ao cuidado, ora marcada pela inveja, pela submissão ou pela resistência. Esse conjunto de representações possibilita compreender como o imaginário coletivo foi construindo modelos de comportamento atribuídos às mulheres.

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, com pós-graduação em Alfabetização e Letramento, também Professora Substituta de Língua Portuguesa da Rede Pública de Itapororoca-PB, laystavares34@gmail.com.



Com base nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo pesquisar as identidades femininas em duas narrativas selecionadas: “O rei sapo ou Henrique de ferro”, dos Irmãos Grimm, e “As fadas”, de Charles Perrault. A escolha dessas obras deve-se ao fato de ambas apresentarem personagens que refletem valores de seu tempo histórico, ao mesmo tempo em que revelam conflitos e arquétipos que permanecem atuais.

O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem bibliográfica, utilizando livros, artigos e pesquisas já publicados sobre o tema. Além de bibliográfica, a investigação se caracterizou como básica, por buscar ampliar o conhecimento acerca da representação feminina nos contos de fadas, tendo como fundamento a leitura psicanalítica. O caráter qualitativo esteve presente em todas as etapas, uma vez que a análise priorizou a interpretação dos símbolos e das mensagens implícitas nas narrativas.

Os resultados apontaram que os contos estudados ultrapassam a função de simples entretenimento, revelando-se como dispositivos de representação simbólica da sociedade. Em “O rei sapo ou Henrique de ferro”, a protagonista é submetida a imposições que refletem a lógica patriarcal, além de lidar com a ausência materna e com a autoridade masculina. Já em “As fadas”, observa-se a oposição entre bondade e maldade, expressa na relação conflituosa entre mãe e filhas, marcada pela inveja, pela desigualdade de tratamento e pela presença da fada como figura reparadora.

Dessa forma, a pesquisa evidenciou que as representações femininas nesses contos não se limitam ao contexto histórico em que foram escritos, mas dialogam com aspectos universais da experiência humana. Ao final, constatou-se que essas narrativas continuam atuais por permitirem refletir sobre a condição da mulher, os papéis sociais a ela atribuídos e os valores que ainda moldam comportamentos na sociedade contemporânea.

O embasamento teórico sobre o tema concentra-se nas contribuições de autores como Marie – Louise Von Fran (1990) e Corso e Corso (2006), oferecendo subsídios para a compreensão dos contos de fadas selecionados.

METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem bibliográfica, uma vez que a análise das identidades femininas nos contos de fadas selecionados foi realizada a partir de livros, artigos e materiais já publicados sobre o tema. Além de bibliográfica, a pesquisa caracterizou-se como básica, pois teve como propósito ampliar o conhecimento acerca da



representação feminina nos contos escolhidos, a partir de uma fundamentação psicanalítica.

O trabalho também se caracterizou como qualitativo, considerando a intenção de compreender de forma interpretativa a representatividade da identidade feminina nas narrativas analisadas. Esse processo possibilitou identificar elementos significativos que, organizados e interpretados, permitiram compreender como a figura feminina foi construída e representada nessas histórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos contos “O rei sapo ou Henrique de ferro” dos Irmãos Grimm, e “As fadas de Charles Perrault”, possibilitou a compreensão de diferentes faces femininas, construídas em meio a valores sociais e culturais profundamente marcados pelo patriarcado. A investigação evidenciou que as narrativas não são apenas histórias de entretenimento, mas dispositivos de representação simbólica que consolidam comportamentos e ideais de época, ao mesmo tempo em que refletem conflitos psíquicos ligados ao feminino.

A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM “O REI SAPO OU HENRIQUE DE FERRO”

Publicado em 1812, o conto “O rei sapo ou Henrique de ferro” revela a lógica patriarcal vigente. A protagonista, filha do rei, é apresentada como criança inocente que brinca com sua bola de ouro, símbolo de pureza e completude, até perdê-la no poço. Esse movimento, aparentemente banal, desencadeia o início de sua transição involuntária para a vida adulta.

Enquanto a princesa lamentava pela perda da bola, um sapo saiu da água e se ofereceu para ajudá-la, desde que pudesse dormir e comer ao lado da princesa. A moça concordou apenas para recuperar sua bola, mas fugiu para o palácio assim que a recebeu. O sapo, insistente, buscou cumprir o acordo e, com o apoio do pai da jovem, ela foi obrigada a aceitá-lo. Em uma noite, irritada com a presença do animal em seu quarto, atirou-o contra a parede; em vez de morrer, ele se transformou em um príncipe. Na manhã seguinte, após a redenção, houve comemoração, e a princesa tornou-se sua esposa.

O conto de fadas foi publicado em 1812, e desenvolvido cujos ideais e comportamentos que consolidava a época. “O rei sapo ou Henrique de ferro” traz em sua



Os imperativos do sapo, como coloque, passe e leve, reiteram sua posição de domínio. Mesmo diante da recusa inicial da menina, que sente nojo e medo, a ordem



patriarcal prevalece. Como observam Corso e Corso (2006), esse padrão é recorrente nos contos de noivo animal, em que a repulsa inicial deve ser superada por meio de provas ou encantamentos. Contudo, em “O rei sapo”, a superação não ocorre pelo amor, mas por um gesto de violência, visto que ao arremessar o sapo contra a parede, a jovem rompe com a submissão e promove sua transformação em príncipe.

Esse ato de agressividade é interpretado por Corso e Corso (2006) como gesto de revolta contra o pai e contra as exigências do animal, marcando a passagem brusca da infância para a vida adulta. De acordo com os autores:

Na história do Rei Sapo, o pai da princesa lhe impõe a companhia do ser viscoso em seu leito, submetendo-a à violência desse convívio. O gesto agressivo da jovem está à altura do caráter torturante da situação em que se viu envolvida, mas também é um gesto dramático de rompimento, de revolta contra a autoridade do pai e contra as exigências do sapo. A independência não pode ser construída de submissão, crescer é também perceber a limitação da força e do poder da autoridade parental (Corso; Corso, 2006, p. 131)

Assim, não é de estranhar, que a redenção do sapo se dê não pelo beijo, mas pelo impacto da violência. A menina inicia sua vida sexual e afetiva por meio de um amor marcado pelo desprazer e pela imposição, situação comum às mulheres da época, que raramente escolhiam seus parceiros. A narrativa explícita, assim, como o casamento era imposto como contrato social, desconsiderando os desejos femininos.

Após o ato violento, ocorre a redenção do príncipe: “mas o sapo não morreu e antes de cair se transformou num belo e jovem príncipe” (Grimm; Grimm, 2018. p. 17). Von Franz (1980) explica que a redenção nos contos de fadas frequentemente se dá por meio de provas e sofrimentos, o que aqui se traduz em pancadas. A partir daí, a jovem, ainda que relutante, aceita o novo companheiro. Como lembra Coenga (2016), o conto ilustra os medos cotidianos que cada indivíduo precisa superar para se reconhecer e estabelecer relações com o outro. No caso da protagonista, essa superação ocorre de modo traumático, revelando como a identidade feminina era construída sob violência simbólica e real.

Dessa forma, com a nossa protagonista não foi diferente, a moça passa por conflitos no seu subconsciente que apenas ela pode resolver, resolvendo-o por conseguir o contato com o sexo oposto. Sabemos que este conto de fadas, assim como tantos outros, reflete conflitos do subconsciente humano. Por isso, mais um vez reiteramos o quanto os contos de fada nos ajudam a lidar com os problemas da vida cotidiana, uma vez que



AS FACES FEMININAS EM “AS FADAS”

A narrativa evidencia ainda o peso dos padrões de beleza. A protagonista, além de boa, é descrita como a mais bela do mundo. Wolf (1992) denuncia esse “mito da beleza” como mecanismo de controle social, que ainda hoje aprisiona mulheres em padrões



inatingíveis. Assim, o conto de Perrault não apenas ensinava condutas no século XVII, mas também perpetuava ideais de feminilidade que se mantêm atuais.

A figura materna, ao contrário do conto dos Grimm, está presente, mas exerce papel hostil. A mãe privilegia a filha mais velha e rejeita a caçula, repetindo a lógica das madrastas como ocorre em *Cendrillon*, o conto do próprio autor francês. No conto, a mãe não inveja a beleza e a bondade da filha caçula, mas não aceita que a primogênita careça desses atributos, impondo-lhe trabalhos domésticos e tarefas pesadas, como buscar água duas vezes ao dia a longa distância. A “fonte de água”, assim como em “O rei sapo ou Henrique de ferro”, representa um espaço mágico que transforma a vida das protagonistas. Nesse ambiente, a filha mais nova encontra sua fada madrinha, disfarçada de uma velhinha, e com sua bondade e doçura, presta-lhe serviços que mudam seu destino.

A fada madrinha ocupa o lugar que a mãe deveria ter, mas surge a pergunta: a protagonista não possui mãe? Sim, ela tem, porém trata-se da figura da mãe má. Faltava-lhe, portanto, a presença da mãe boa, aquela da primeira infância, que acolhe, protege e cuida.

Segundo Michelli (2013, p. 67), “atribuem-se às fadas virtudes positivas, funcionando a bruxa como seu contraponto, responsável por um comportamento negativo que causa dano a outras personagens”, ou seja, temos a figura da fada como agente reparador do mal, isto é, elas atuam de modo a proteger os personagens da maldade, a fim de distribuir uma magia benéfica e protetora para romper com os danos causados por aqueles que os odeiam. Além disso, a beleza da fada aparece como mutável, ou seja, não necessariamente apresentam-se bonitas e com vestes belíssimas. No conto “As fadas”, ela primeiramente apresenta-se como uma velhinha e vestida a trapos, para depois se transformar no seu real papel.

Rocha e Silva (2015) destacam que nessas narrativas, a mãe má ou madrasta representa a maldade feminina voltada contra a própria filha, impondo-lhe trabalhos pesados e humilhações. A ausência da “mãe boa” é compensada pela presença da fada, que assume papel reparador e concede dons de acordo com a conduta das jovens.

Ainda segundo Rocha e Silva (2015), para a menina boa, a fada concede pérolas, diamantes e rosas, que tem valores simbólicos no texto literário: As pérolas representam o encantamento e a doçura, os diamantes o símbolo da riqueza e as rosas a beleza e o amor”.

A inveja surge como elemento central na trama. A mãe, ao ver os dons da caçula, passa a chamá-la de “filha” apenas por interesse, e deseja que a primogênita receba as



Dessa maneira, a inveja se introduz no conto em um esquema de cobiça e ódio, entre as personagens femininas. É bastante comum que nos contos de fada a inveja se dê pelas relações femininas, seja por parte das mães, madrastas, ou até mesmo entre as irmãs, como bem o autor apontou, a inveja aparece inicialmente contra o seio da mãe, em outras palavras, contra a disputa do amor materno.

Como podemos perceber, Perrault elaborou dois desfechos distintos, contemplando tanto o bem quanto o mal. Segundo Souza e Silva (2015), o autor tinha como objetivo transmitir valores, orientar condutas e evidenciar comportamentos da época, mostrando que o bem é sempre recompensado, enquanto o mal é punido. Assim, destaca-se não apenas o caráter educativo do conto, mas também a diversidade das faces femininas presentes na narrativa, que se revelam ao longo da história. Dessa forma, além de instruir moralmente, este conto, como muitos outros, “[...] têm uma estrutura que reflete os traços humanos mais gerais. Desempenham um grande papel porque através deles podemos estudar as mais básicas estruturas de comportamento” (Von Franz, 2002, p. 2).

Desempenham um grande papel porque através deles podemos estudar as mais básicas estruturas de comportamento” (Von Franz, 2002, p. 2).

Portanto, o conto “As Fadas” cumpre duplamente sua função. Por um lado, educa ao ilustrar a recompensa do bem e a punição do mal; por outro, revela as múltiplas representações da feminilidade, mostrando as diferenças de caráter e comportamento entre as personagens.

A narrativa evidencia como valores morais, atitudes e relações familiares moldam o destino das protagonistas, oferecendo, ao leitor, uma reflexão sobre a conduta humana, as escolhas individuais e as consequências de ações baseadas na bondade ou na maldade. Dessa forma, o conto permanece atual, permitindo compreender não apenas a sociedade de sua época, mas também aspectos universais da experiência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou como os contos de fadas permitem diferentes leituras sobre o comportamento feminino ao longo do tempo. Pode-se observar que a construção do sujeito feminino se dá tanto pelas relações com os outros quanto pelo papel social que ocupa. A perspectiva psicanalítica foi essencial para compreender as diferentes manifestações simbólicas das personagens.

No conto “O rei sapo ou Henrique de ferro”, a protagonista tem seu destino definido pelos desejos de uma sociedade patriarcal, marcada pela dependência em relação aos homens e pela necessidade de obedecer. Sua postura violenta reflete a revolta diante da submissão que vivenciava, e seu primeiro contato amoroso ocorre sem afeição, simbolizando o desafio interno que precisou superar.

Em “As fadas”, a filha mais nova representa uma figura passiva e frágil, enquanto a mãe exerce um papel autoritário e egoísta, reproduzindo ideais patriarcais. A fada, por outro lado, assume o papel de reparadora, concedendo dons. A protagonista como recompensa por sua bondade, indicando que o bem é premiado e o mal punido. A narrativa evidencia também como atributos como beleza, modéstia e pureza eram exigidos das mulheres, assim como o casamento era visto como caminho para a felicidade.

O estudo revelou ainda que os comportamentos e discursos das personagens refletem a cultura e as ideologias da época, e que a psicanálise ajuda a compreender as



diversas faces da identidade feminina, destacando questões sociais que muitas vezes passam despercebidas.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, mas o tema ainda oferece possibilidades de aprofundamento, como a comparação entre contos tradicionais e contemporâneos para identificar mudanças nas representações femininas. Por fim, o trabalho permitiu uma leitura mais atenta das narrativas, evidenciando o papel central do sujeito feminino e suas múltiplas representações, que refletem tanto a cultura quanto os arquétipos e valores presentes na sociedade humana.

REFERÊNCIAS

COENGA, Rosemar. O sapo que vira príncipe. **Universidade Federal de Mato Grosso**, 2016. Disponível em <https://www.ufmt.br/ufmtciencia/es-es/todas-noticias/72-lingueistica-letras-e-artes/155-o-sapo-que-vira-principe>. Acesso em 08 mar. 2020.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhem. **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. v. Tomo I (1812) e Tomo II (1815). Trad. Christine Rohing Ed. 34, 2018.

MICHELLI, Regina. Nas trilhas do maravilhoso. Terra roxa e outras teras- **Revista de estudos Literários**, v. 26, dez. 2013.

MOURÃO, Hellen Reis. Por que as mães morrem ou são ausentes nos contos de fadas? **Albertiza Mitozo Ferreira**, 2015. Disponível em: <https://albertizamitozoferreira.wordpress.com/2015/12/16/por-que-as-maes-morrem-ou-sao-ausentes-nos-contos-de-fadas/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

PERRAULT, Charles. **Clássicos da infância**. Trad. Olívia Krähenbühl. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, [20--?].

PLON, Michel. ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROCHA, Renata Kelen da. SILVA, Vilma Araújo da. Os contos de fadas em Perrault: Uma leitura de “As fadas”. SEMINÁRIO NACIONAL INTERDISCIPLINAR EM EXPERIÊNCIA EDUCATIVAS, 5., 2015, Francisco Beltrão. **Anais [...]**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.



SCHEER, Ana. Análise do Conto de Fadas "O Rei Sapo". **Reflexões da psicanálise**, 2013. Disponível em: <https://reflexoesdapsicanalise.blogspot.com/2013/06/analise-do-conto-de-fadas-o-rei-sapo.html>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SOARES, Livia Maria Rosa. CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além bastido” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 75-83, jan./jun. 2015.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos Contos de Fadas**. Tradução: Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1990.

WOLF, Maomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução: Waldéia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

